

IS Working Papers

3.ª Série, N.º 61

À descoberta do Islão no Porto: religião, política, cultura e sociedade

Marta Rodrigues
Alexandra Carvalho

Porto, novembro de 2017

À descoberta do Islão no Porto: religião, política, cultura e sociedade

Marta Rodrigues

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

E-mail: marta.am.rodrigues@hotmail.com

Alexandra Carvalho

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

E-mail: alexandrafc.carvalho@gmail.com

Submetido para avaliação: setembro de 2017/Aprovado para publicação: novembro de 2017

Resumo

Este artigo apresenta uma análise sintetizada da estruturação interna do Islão, assim como dos seus princípios doutrinários, por forma a contextualizar esta religião nas sociedades atuais, a par do recurso a teorizações de cariz sociológico relativamente ao Islão e da procura de respostas acerca das motivações para a conversão ao Islão. Para o desenvolvimento desta pesquisa serviu-nos de objeto de estudo o Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP), localizado na Rua do Heroísmo, *locus* de aplicação das técnicas de observação direta das práticas do grupo religioso, recolha de fontes documentais e de entrevista ao Presidente do CCIP. O desafio desta pesquisa passa por ajustar uma leitura e pesquisa sociológica às configurações do Islão, tendo em conta uma multiplicidade de eixos específicos como são a própria religião islâmica, a política, a cultura e a sociedade, com o enquadramento e posicionamento específico na sociedade Portuguesa e portuense.

Palavras-chave: Sociologia das religiões, Islão, religião, política, cultura, sociedade.

Abstract

This article presents a syntactic analysis of the internal structuring of Islam, as well as its doctrinal principles, in order to contextualize this religion in contemporary societies along with the use of sociological theorizations regarding Islam and the search for answers about the motivations for conversion to Islam. For the development of this research, the Islamic Cultural Center of Porto (CCIP), located at Rua do Heroísmo, *locus* of application of the techniques of direct observation of practices of the religious

group, collection of documentary sources and an interview to the President of CCIP. The main challenge of this research is the sociological measurement and search of Islamic configurations, having in mind the multiplicity of specific axis of Islamic religion, policies, culture and society, with a particular framework and positioning in Portugal's and also in Porto's society.

Keywords: Sociology of religions, Islam, religion, politics, culture, society.

Introdução

No decorrer do ano 2014 desenvolvemos esta pesquisa¹ que incide na religião do Islão, tendo por base o Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP), localizado na Rua do Heroísmo, que representa a Mesquita do Porto. Como tal, definimos para este trabalho os seguintes objetivos gerais: (1) entender as origens e os princípios doutrinários do Islão assim como o modo como este se estrutura internamente; (2) entender o posicionamento da religião islâmica nas sociedades e confrontar a realidade observada com os fundamentos teóricos da Sociologia acerca do Islão; (3) perceber as motivações dos indivíduos que se convertem ao Islão. Mais especificamente pretendemos: (1) apreender as práticas religiosas do islamismo assim como características dos praticantes; (2) verificar a ocorrência ou não de secularização interna no Islão; (3) identificar, com base nas características desta religião, o ideal-tipo de comunidade religiosa que constitui; (4) perceber se o Islão é permeável ou não a dimensões da vida social como cultura, educação e política ou se, por sua vez, exerce influência sobre estas mesmas dimensões; (5) compreender quais os meios de divulgação e mobilização dos crentes empregues pelo Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP).

Por forma a dar resposta aos objetivos de pesquisa enunciados, para além da análise de fontes documentais e dos registos de observação direta das práticas do grupo religioso do Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP), também foi realizada uma entrevista de carácter semi-diretivo ao Presidente do CCIP². O presente artigo subdivide-se em quatro pontos. No primeiro ponto é feita uma abordagem à sociologia das religiões, fundamentalmente baseada no seu surgimento e contextualização. Segue-se, num segundo ponto, uma explanação de algumas dimensões e aspetos associados ao Islão e à comunidade muçulmana, assim como uma análise sociológica desta religião, tendo por base teorias de autores clássicos e contemporâneos. O terceiro ponto, por sua vez, dedica-se ao Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP), tendo por base o enquadramento documental. Por último, é feita uma análise da informação obtida a partir dos registos de observação e da entrevista realizada ao Presidente do CCIP, tendo em conta dimensões como os objetivos e projetos do CCIP, a caracterização sociodemográfica da comunidade muçulmana, constrangimentos associados à discriminação étnica e religiosa, as modalidades escritas e orais de divulgação do centro cultural, os espaços e as respetivas práticas sócio-religiosas e inter-religiosas no

¹ Trabalho desenvolvido no âmbito da Unidade Curricular de Sociologia das Religiões na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

² A aplicação desta última técnica surge, não só como forma de colmatar as lacunas associadas à nossa incompreensão da língua árabe, língua da oração, mas também como uma tentativa de perceber algumas opiniões do entrevistado face a determinadas situações e aprofundar ou corroborar as informações obtidas através dos registos de observação direta.

CCIP, o ensino da língua árabe e do Alcorão, a exploração dos pilares do Islão, assim como os posicionamentos nos planos religioso e político-social.

Sociologia e religiões: contextos e teorizações

No século XVIII, o Iluminismo contribuiu para o surgimento da Sociologia e da Sociologia das Religiões, pois este movimento constituiu «uma das maiores revoluções sócio-religiosas de todos os tempos» visto que conseguiu dissociar os conceitos de Estado e Igreja, que tinham até ao momento uma estreita relação intelectual conseguida através da Teologia. Resumidamente, Donizete Rodrigues aponta duas preocupações centrais da sociologia da religião: perceber a influência da religião na sociedade e a influência da sociedade na religião (Rodrigues, 2007: 91).

Antes de mais, torna-se relevante esclarecer o conceito de religião e deste referir que não há um consenso entre os vários autores no que se refere à explanação deste conceito. Talcott Parsons e Hervieu-Léger chegam mesmo a referir que a definição deste conceito é um dos principais desafios colocados à Sociologia desde que esta ciência surgiu (Rodrigues, 2007). Existem dois tipos de definições da religião: a substantivista e a funcionalista. Enquanto a primeira “é mais reflexiva (...) está preocupada com (...) a essência supostamente permanente em toda a religião”, a definição funcionalista “é mais pragmática (...) valoriza as interações que se estabelecem entre a religião e o contexto social específico” (Rodrigues, 2007: 54). Neste sentido, há dois tipos de questões que caracterizam as diferentes definições. A definição substantivista alia-se à questão “O que é a religião?” e a funcionalista à seguinte pergunta “O que faz a religião?”. Enquanto autores como Simmel, Tylor, Troeltsch e Otto se situam ao nível das definições substantivistas, Comte, Marx, Durkheim, Lévy-Bruhl e Freud dão definições de cariz funcionalista. Max Weber é uma exceção no sentido de que abrange os dois tipos de definições nas suas teorizações (Rodrigues, 2007).

Segundo Delumeau, religião pode ser definida como “o laço que liga o Homem ao sagrado e que o impede de se sentir perdido no meio de um mundo um mundo que nunca dominará totalmente” (cit. por Rodrigues, 2007: 42). No entanto, L. Feuerbach refere que os indivíduos desacreditarão na religião quando perceberem que aquilo que atribuem aos deuses é fruto de ideias e valores produzidos pelo Homem. Para este autor, “a essência do homem não está em Deus e na religião, e sim no próprio homem” (Cipriani, 2007: 18).

Tendo agora por base os contributos dos clássicos da sociologia, podemos verificar que Karl Marx situa a religião ao nível da superestrutura. Para ele, a religião é uma resposta dada pelo Homem às coisas irracionais do quotidiano. Como tal, este sociólogo considera, tal como Feuerbach, que existe uma forte associação entre religião e alienação. Para além disto, Marx vai apresentar como características da religião o facto de esta surgir como uma forma de tentar justificar não só as desigualdades ao nível social, económico e político, mas também “situações de exploração e dependência”, que determinados indivíduos enfrentam, assim como o facto de certificar a “hegemonia capitalista, que é uma estrutura económica imoral e injusta” (Rodrigues, 2007: 46).

Max Weber corrobora a ideia de Marx que defende que a religião contribui para a manutenção da ordem social, legitimando a posição de poder dos dominantes e formatando os dominados (Rodrigues, 2007). Aqui estamos ao nível das funções latentes da religião que adquirem grande importância no seio das teorias de diversos autores, como é o caso de Durkheim, que vai definir a religião como algo que não pode ser isolado da comunidade, sendo que “Se é verdade que o homem depende de seus deuses, a dependência é recíproca. Também os deuses têm necessidade do homem: sem as oferendas e os sacrifícios, eles morreriam” (Durkheim, 1996: 21). Neste sentido, Bryan Wilson defende que as funções latentes da religião vão ser postas de lado pela sociedade aquando da crescente secularização, já que outras dimensões da vida social passam a assumir as mesmas ficando apenas confinadas à religião as funções manifestas, ou seja, a salvação (Rodrigues, 2007).

Islão: fundamentos de uma religião

O Islão teve origem no século VII e encontra-se atualmente como a segunda maior religião a nível mundial. Esta religião bifurca-se em dois ramos distintos em termos da profecia: sunita e xiita. Os sunitas são os “seguidores dos primeiros califas, sucessores de Maomé”, enquanto os Xiitas são “seguidores de Ali, genro de Maomé, que se opôs aos califas sucessores do Profeta” (Rodrigues, 2007: 32). O primeiro ramo enunciado tem como princípio base o cumprimento da *sunna* proclamada pelo profeta, enquanto o outro bloco tem um cariz mais revolucionário, “uma religião de Estado” (Rodinson, 1996: 77-78). Esta religião é marcadamente constituída por sunitas, no mínimo 85% do total e é de notar que os restantes, os xiitas, concebem a autoridade como política e religiosa (Tincq, 2010). Nesta religião existem seis crenças: 1. em *Allah* – “Ele é Deus (Allah) e não há outro Deus senão ele” (cit. por Rodrigues, 2007: 32); – 2. nos anjos, que são obras de Deus; 3. nos livros sagrados, onde o Alcorão tem um lugar

de destaque; 4. nos Profetas, sendo *Muhammad* o último; 5. no Juízo Final, onde são avaliadas as ações de cada indivíduo; 6. na predestinação, em que Allah decide o que acontece com cada indivíduo (Machado, 2012).

O Deus do Islão é uno, “transcendente, todo-poderoso, santo” e estabelece uma relação de proximidade com os crentes, assim o defendem os muçulmanos (Tincq, 2010: 232). Esta unicidade divina designa-se Tawhid e o Alcorão reforça essa ideia aliando-a à ideia de proximidade com o indivíduo que ora (Tincq, 2010). Para os muçulmanos o Alcorão representa “a última manifestação de Deus” e, tal como esclareceu Jacques Berque, «o Alcorão é “Deus tornado Verbo”, “Deus tornado Mensagem”» (Tincq, 2010: 246). Aqui se denota a relevante importância assumida pelo livro sagrado mas é ainda crucial realçar a crença nos anjos (que são evocados no Alcorão) e são enviados por Deus para enviar mensagens e ajudar os homens diretamente nas suas vidas. O Alcorão prevê o Juízo Final e da retribuição para todos os homens (crentes e descrentes), todas as espécies terrestres tal como anjos e demónios pois os muçulmanos partilham a crença na “predestinação” ou seja, que o que acontece fora escrito previamente. No que concerne aos ritos e práticas religiosas do Islão, este assenta em cinco pilares ou “*Ibadat* (ou seja, as marcas de devoção a Deus)”: *Shahada* (profissão de fé); *Salah* (oração); *Sawm* (jejum); *Zacat* (esmola); *Hajj* (peregrinação a Meca) (Tincq, 2010: 250). No Centro Cultural Islâmico do Porto é fornecida informação acerca dos mesmos aos não muçulmanos, onde é referido que o *Shahada* é “o testemunho da existência de Um Único Deus, e de que Muhammad é o seu último Mensageiro”.

A oração deve ser praticada pelos muçulmanos cinco vezes por dia, em horários pré-definidos (ver exemplo na imagem 1). Quando a oração é praticada há “um diálogo direto com Deus” [Presidente do CCIP]. A oração representa para o Islão a forma de expressão mais significativa da vida religiosa e é de índole obrigatória para os crentes (Khân, 2011). O jejum é uma prática que tem lugar no Ramadão (9^o mês do calendário muçulmano) e que consiste em não consumir qualquer tipo de alimento ou bebida nem ter relações sexuais deste o nascer até ao pôr-do-sol. No *zacat*, tal como Abdul Rehman refere em entrevista, os muçulmanos que possuem mais recursos financeiros estão obrigados a doar aos muçulmanos mais necessitados 2,5% dos recursos que conseguiram juntar num ano, podendo essa doação ser feita através de dinheiro, ouro ou roupa, por exemplo. Por último, a *Hajj* deve ser realizada pelo menos uma vez na vida por aqueles que têm posses financeiras para tal, sendo o objetivo “observar tudo o que o profeta Abraão observou” [Presidente do CCIP].

Depois temos o zacat, que é a contribuição para os necessitados. Há a obrigação de todas as pessoas com posses financeiras, que tenham ouro,

dinheiro... de fazerem o balanço, no final de cada ano islâmico ou durante o mês do Ramadão, daquilo que ganharam, aquilo que gastaram e aquilo que restou. Daquela verba que lhes restou, incluindo o ouro que possam ter em casa guardado, fazem dois e meio por cento daquele valor e entregam aos pobres. Abdul Rehman Mangá, Presidente do Centro Cultural Islâmico do Porto

TABELA 1
Horário das orações do Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP), relativo ao mês de novembro de 2014

CENTRO CULTURAL ISLÂMICO DO PORTO
MESQUITA HAZRAT BILAL (R.A.)
NOVEMBRO

DATA	FAJR	N.SOL	ZHOR	ASSR	MAGRIB	ISHA
01	06:00	07:06	12:40	15:45	17:33	18:50
02	06:00	07:07	12:40	15:45	17:32	18:50
03	06:00	07:08	12:40	15:45	17:31	18:50
04	06:00	07:09	12:40	15:45	17:29	18:50
05	06:00	07:10	12:40	15:45	17:28	18:50
06	06:00	07:12	12:40	15:45	17:27	18:50
07	06:00	07:13	12:40	15:45	17:26	18:50
08	06:00	07:14	12:40	15:45	17:25	18:50
09	06:15	07:15	12:40	15:45	17:24	18:50
10	06:15	07:16	12:40	15:45	17:23	18:50
11	06:15	07:18	12:40	15:45	17:22	18:50
12	06:15	07:19	12:40	15:45	17:21	18:50
13	06:15	07:20	12:40	15:45	17:20	18:50
14	06:15	07:21	12:40	15:45	17:19	18:50
15	06:15	07:22	12:40	15:30	17:18	18:50
16	06:15	07:24	12:40	15:30	17:18	18:50
17	06:15	07:25	12:40	15:30	17:17	18:50
18	06:15	07:26	12:40	15:30	17:16	18:50
19	06:15	07:27	12:40	15:30	17:15	18:50
20	06:30	07:28	12:40	15:30	17:15	18:50
21	06:30	07:29	12:40	15:30	17:14	18:50
22	06:30	07:31	12:40	15:30	17:13	18:50
23	06:30	07:32	12:40	15:30	17:13	18:50
24	06:30	07:33	12:40	15:30	17:12	18:50
25	06:30	07:34	12:40	15:30	17:12	18:50
26	06:30	07:35	12:40	15:30	17:11	18:50
27	06:30	07:36	12:40	15:30	17:11	18:50
28	06:30	07:37	12:40	15:30	17:10	18:50
29	06:30	07:38	12:40	15:30	17:10	18:50
30	06:30	07:39	12:40	15:30	17:10	18:50

SALAT DE JUMA:

- BALANE	13h 00m
- 1º AZAN	13h 30m
- 2º AZAN / KUTBA	13h 40m

Fonte: Centro Cultural Islâmico do Porto.

A mesquita representa um qualquer lugar de oração, um lugar sagrado ainda que não complemente os elementos arquitetónicos tradicionais, distinguindo-se desta forma as mesquitas mais modestas e simples das mais ornamentadas e imponentes (Tincq, 2010). É importante ter em conta que fazem parte dos ritos e práticas do Islão descalçar-se ao entrar numa mesquita. Estes locais estão cobertos por tapetes e as paredes decoradas, geralmente, com “motivos caligráficos que repetem quer versículos do Alcorão, quer o nome de Deus” (Tincq, 2010: 254), tal como acontece na mesquita situada no Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP). A vida quotidiana de um muçulmano não se restringe meramente aos cinco pilares acima referidos, mas a todo um modo de vida incorporado que garante a condução da sua existência segundo o “Caminho de Deus” ou seja, a *Sharia* (Tincq, 2010: 256). Exemplo do referido é a restrição do consumo da carne de porco e toda a carne do animal cujo sangue não tenha sido “esvaziado (...) durante um sacrifício” e não tenha sido “Em nome de Deus”, ou seja, segundo a “fórmula Bismillah” (Tincq, 2010: 257).

Islão: Igreja ou Seita? Análise em torno da tipologia dos ideias-tipo de Max Weber

Max Weber, na sua obra intitulada *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* define a existência de dois ideais-tipo de comunidade religiosa que são: a Igreja e a Seita. A Igreja foi criando uma autoridade administrativa, o que se traduz através da autoridade burocratizada que reside na figura papal. Esta autoridade é impessoal e os dogmas legitimam-na. Neste ideal-tipo, a salvação é acessível a todos, o que dita uma união entre a esfera política, pública e religiosa. Por isso, a sua forma de agir tem em conta a racionalidade legal (baseada em normas e leis estipuladas socialmente). Na Seita, por sua vez, não há a perspectiva de uma salvação universalista, mas sim individual e selecionada (predestinação – a salvação é para alguns), sendo que estes defendem uma postura de desligamento para com o mundo (a divisão entre a transcendência e o mundano) e a agregação para esta é voluntária. Ao contrário da Igreja que se funde na sociedade, a Seita defende uma rutura com o mundo. A autoridade desta instituição personifica-se na figura do profeta. Tendo por base esta breve caracterização, podemos apurar que a Igreja é uma organização que se legitimou no seio da sociedade visto que ambas (Igreja e sociedade) apresentam valores semelhantes, ao contrário da seita que tende a divergir dos valores sociais dominantes.

Neste sentido, é possível afirmar que a aplicação desta tipologia criada por Weber ao Islão, é redutora, uma vez que não se aplicam totalmente as características de nenhuma delas, logo não existem evidências para considerar um ideal-tipo. A este propósito,

Enzo Pace afirma que “é possível identificar tanto o princípio da seita como a forma organizacional do tipo Igreja” no sentido de que Muhammad inicialmente era o líder de uma seita com ideias distintas das tradicionais e mais tarde tornou-se líder de um grupo que se deve ter uma estrutura estável (2005: 169). No caso dos sunitas, o grupo representado pela comunidade muçulmana do Porto, existem algumas características de seita, como é o caso da autoridade carismática através do profeta, no entanto, o facto de muitos ideais serem os mesmos da sociedade vigente, aproxima-os mais da Igreja. Ainda assim, existe uma tendência para intitular este grupo como uma seita. No caso dos xiitas acontece o oposto, que é: associa-se mais à seita no que remete aos ideais defendidos visto que são grupos mais radicais e existe “uma mistura constante de conflito religioso e conflito político” (Pace, 2005: 178).

Islão: uma religião secularizada?

O fenómeno de secularização particularmente sentido na Europa que apresentou um extraordinário avanço a partir do século XVI, estabeleceu uma separação entre Igreja e Estado. No entanto, foi no Século XX que a secularização associada à modernidade começou a ganhar expressão no seio da sociologia da religião (Rodrigues, 2007). E neste momento coloca-se a seguinte questão: “Em que consiste esta relação?”. Basicamente, o que Donizete Rodrigues nos diz é que consiste no facto de a “religião/religiosidade [perder importância] na vida quotidiana das pessoas” (Rodrigues, 2007: 146). Associado à secularização está também o conceito desenvolvido por Max Weber de “desencanto do mundo” que designa o processo que provocou a dissociação da religiosidade a qualquer causalidade mágica, diz-nos Rodinson (1996: 181). São vários os autores que abordaram o conceito de secularização, entre eles Thomas Luckmann, Bryan Wilson, Peter Berger e o sociólogo português António Teixeira Fernandes. Este último afirma que «a secularização é a situação criada na modernidade por acção sobretudo da racionalidade científica e técnica e do ideal de liberdade, com inequívoco impacto na vida económica, política, social, cultural e intelectual, alterando a relação entre estes domínios e a religião, e levando ao fim do cosmos sagrado», acrescentando ainda que a secularização não está necessariamente associada a um afastamento de Deus, mas antes uma nova relação com o sobrenatural (cit. por Rodrigues, 2007: 148). Os outros três autores mencionados partilham da mesma opinião quanto às consequências da modernidade, sendo elas: a crescente racionalização (a realidade social passa a ser explicada a partir de uma conceção racional, quando se tinham em conta aspetos ligados ao sagrado) e a diferenciação (privatização da religião; a religião sofre uma perda de prestígio social e de relevância no meio político) (Rodrigues, 2007).

Passando à análise da questão tendo por base o Islão, verifica-se que esta religião “não tem o monopólio da degenerescência religiosa” face à modernidade e aos separatismos (Chauvin, 2002, p.113). O mundo muçulmano não fugiu ao “desencanto do mundo” porém, neste caso não corresponde diretamente ao que se entende por secularização ou laicização (em França). A crença no sobrenatural foi substituída pelo «patriotismo de comunidade» com o fim último de garantia de “fidelidade às formas exteriores de fé tradicional”, ou seja, a crença passou a ser fundada no Islão e não em Deus, tal como refere Rodinson (1996: 85).

O fundamentalismo é uma tendência que se torna «virulenta quando as pessoas se encontram numa situação de desespero ideológico generalizado» o que culmina em destruição (Rodinson, 1996: 182). Assistimos a este cenário no mundo muçulmano. O problema tem subjacente uma causa estrutural que se prende com a confluência político-religiosa do Islão que remonta à sua formação inicial (Rodinson, 1996). Atualmente «luta-se contra o “imperialismo” em nome dos direitos da nação árabe, da nação iraniana, etc.», ou seja, há um “apelo à defesa de uma causa nacional” e manifestam-se “com frequência as contradições e as incoerências” (Rodinson, 1996: 169). Assim, “o ativismo político passou a ser dominado sobretudo pela ideologia do dever do militarismo, como sendo o único digno da realização humana” e grupos apropriam-se de conceções religiosas com o intuito de recuperar a influência do Islão. A fé em Deus é relegada para um plano inferior comparativamente ao “patriotismo de comunidade global” com as oposições inerentes às sociedades cristãs e “irreligiosas do Ocidente” (Rodinson, 1996: 79).

Aliado ao poder político, os «ideólogos muçulmanos» encarregaram-se de “islamizar” os povos por forma a inculcar os valores religiosos e da vida quotidiana islâmica. A verdade é que o inverso também ocorreu e algumas culturas transformaram o Islão (Rodinson, 1996, p.40-41). Abdul Rehman Mangá, quando questionado acerca da alteração ou não de ideias/regras defendidas inicialmente pelo Islão, refere que o que se observa é uma adaptação às sociedades em que os muçulmanos se inserem e não uma alteração das mesmas.

Então, os preceitos religiosos são aqueles. Agora, eles existem só que, por exemplo podem ser adaptados por um país. [...] Sem fugir à regra islâmica, nós podemos congelar algumas daquelas leis, que estão lá guardadas, e não deixamos de seguir o preceito islâmico rigoroso.
Abdul Rehman Mangá, Presidente do Centro Cultural Islâmico do Porto

A comunidade muçulmana em Portugal

Segundo Tiesler (2000) os primeiros muçulmanos que surgiram em Portugal em fins dos anos 50 e primórdios dos anos 60 do século XX eram de origem moçambicana, sendo sunitas, ou seja, particularmente oriundos de “uma das vertentes ortodoxas do Islão” e que representa a maior percentagem de muçulmanos e caracterizavam-se pelo interesse específico em ingressarem nas universidades portuguesas (Oliveira, 2006: 39). O Concílio do Vaticano II marcou o reconhecimento, pela Igreja Católica, da religião do Islão e dos muçulmanos no campo religioso português (Oliveira, 2006).

Entende-se que existem “minorias» étnicas” que se traduzem em subgrupos que se “distinguem do grupo dominante e, virtude de diferenças de fisionomia, de língua, de costumes ou de modelos culturais” ou ainda do conjunto dos fatores. Contudo, há que distinguir as minorias étnicas das minorias religiosas que se diferenciam do grupo dominante “pela ideologia que professam e pelas práticas que esta é suposta inspirar” (Rodinson, 1996: 90). O surgimento de minorias religiosas como a muçulmana muito se deve à grande vaga imigratória da qual Portugal foi alvo. Apesar do referido, as minorias religiosas não deixam de ser o que o próprio nome indica: minorias. Abdul Rehman, quando questionado acerca deste assunto, refere que o facto de o Islão constituir uma minoria religiosa num país maioritariamente Católico não constitui um obstáculo. Refere ainda que os indivíduos de outras religiões procuram conhecer melhor o Islão, não havendo, por isso, a necessidade de “recrutar” crentes. É crucial perceber que há uma distinção entre árabes e muçulmanos uma vez que nem todos os árabes são muçulmanos e nem todos os muçulmanos são árabes. A título exemplificativo da questão de que nem todos os muçulmanos são árabes, está a possibilidade de conversão de não árabes ao Islão.

Um grupo de muçulmanos a residir no Porto decidiu, em 1999, criar o Centro Cultural Islâmico do Porto, uma associação religiosa independente (Oliveira, 2006). Um dos seus fundadores foi Abdul Rehman Mangá, o atual presidente do CCIP, que exerce esta função desde há 14 anos (à data da realização do estudo). Uma das grandes preocupações dos muçulmanos aquando da sua anexação em território português e particularmente do CCIP prendeu-se com a educação islâmica do árabe e do Alcorão (Oliveira, 2006). Para além disto, os seus fundadores pretendiam, entre outros aspetos: colmatar dificuldades de integração dos muçulmanos que chegavam ao Porto; criar um espaço de culto comum para os muçulmanos que residem na cidade; difundir informações acerca do Islão na sociedade; estimular a relação entre muçulmanos e indivíduos de outras religiões; ajudar com os funerais de muçulmanos (Machado, 2012), uma vez que existe um ritual próprio da religião (“uma pessoa do mesmo sexo ou um parente próximo lava o seu corpo, (...) com vários banhos, em número ímpar”

(Khân, 2011: 26). O entrevistado referiu que para além dos anteriores, também se constituíam como preocupações a legalização da comunidade; o ensino dos preceitos islâmicos; o ensino de português a imigrantes; a realização de reuniões sociais e religiosas. Contudo, como Abdul Rehman Mangá refere no momento da entrevista, surgiram uma série de dificuldades no momento de encontrar um local onde a comunidade muçulmana se pudesse reunir e onde se pudesse estabelecer o Centro Cultural Islâmico do Porto, defendendo ainda que o ideal, e por forma a cobrir todas as necessidades, seria construir uma mesquita de raiz.

Isto era um ginásio antigamente, onde as pessoas faziam as suas atividades de ginástica e nós curiosamente vínhamos cá – aqui neste local onde estamos aqui em baixo – aos sábados e reuníamos as poucas famílias que existiam para conversarmos, trocarmos ideias [...]. Depois andamos de local para local, até que o dono do ginásio nos disse que ia encerrar o ginásio porque não estava a dar o rendimento suficiente e nós fomos falar com o senhorio do espaço. [...] Portanto, este espaço é nosso, mas ainda é insuficiente para aquilo que nós pretendemos porque nós temos uma série de atividades que, que é preciso desenvolver. [...] E, portanto, ansiamos ter uma mesquita de raiz e estamos a trabalhar para isso. Abdul Rehman Mangá, Presidente do Centro Cultural Islâmico do Porto

Relativamente à preocupação que se relaciona com a divulgação desta religião na sociedade, o Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP), mostra grande disponibilidade para receber pessoas que pretendam conhecer melhor o Islão. Nas visitas de estudo ao CCIP feitas por parte de diversas escolas que se localizam, não só na cidade do Porto, mas também noutras cidades, são facultadas algumas informações básicas sobre o Islão e é dada a conhecer a forma como são feitas as orações, tal como foi referido em conversas informais com o presidente e outros muçulmanos.

Em termos organizacionais, o Centro Cultural Islâmico do Porto, «é constituído por uma direção, uma assembleia geral e um conselho fiscal» (Machado, 2012: 46). Em tom de conversa informal, foi-nos mencionado que o *Imam*, é eleito de forma democrática pelos membros da comunidade que frequentam a mesquita, sendo que o único critério a ter em conta é o domínio em termos de conhecimento e leitura do livro sagrado, – o Alcorão - tal como nos foi referido por um dos membros da comunidade numa conversa informal. Por outras palavras, a escolha dos indivíduos recai naquele que é visto por eles como o mais capaz para dirigir a oração, sendo esta a função do *Imam*. Segundo Abdul, o *Imam* é escolhido “pela comunidade, e pela direção” sendo que, “a comunidade dá o seu parecer e a direção depois é que diz: “Ok, nós vamos eleger esse”

[Presidente do CCIP]. A sexta-feira é o dia em que o Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP) recebe mais muçulmanos porque corresponde ao dia sagrado. Como o CCIP chega a receber, neste dia, mais de 40 pessoas, adquiriu o estatuto de mesquita. O Sheik Munir, indica numa entrevista ao semanário Sol que «para ter o estatuto de mesquita é preciso que na oração de sexta-feira estejam mais de 40 pessoas» (Guerreiro, 2014, p.19). A Mesquita *Hazrat Bilal*, no Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP), foi inaugurada em 2001 e segundo Abdul Rehman, presidente do respetivo centro, representa um importante local de culto religioso (Oliveira, 2006).

Ao encontro do Islão

Como fora referido anteriormente, para a realização deste trabalho foram utilizadas duas técnicas de recolha de informação, foram estas a observação direta e a entrevista semi-diretiva. Relativamente à observação direta, foram realizados registos de observação na Mesquita em diferentes dias da semana (sexta-feira, segunda-feira e sábado) ao longo do mês de novembro. Estes registos comportam a observação de quatro práticas religiosas distintas: a oração *Salat de Juma*, a oração *Isha*, a oração *Assr* e o ensino da língua árabe. A *Mesquita Hazrat Bilal* localiza-se geograficamente na Rua do Heroísmo e insere-se no Centro Cultural Islâmico do Porto (CCIP). Este espaço fora um ginásio antes de ser adaptado pela comunidade muçulmana. Atualmente a Mesquita subdivide-se em seis espaços: a entrada, o hall da entrada, o espaço de oração (no piso superior), a sala de convívio/sala de aulas (no piso inferior), um espaço para o tratamento dos falecidos e o espaço de ablução (*Wuduh*).

A comunidade muçulmana que frequenta a *Mesquita Hazrat Bilal* é maioritariamente de etnia negra, do género masculino, de todas as idades e classes sociais. Observou-se que os indivíduos da comunidade estabelecem relações de cumplicidade entre si e não se denota distanciamento relativamente aos membros que dirigem a Mesquita. No entanto, devido às conceções religiosas que caracterizam o Islão, a presença de elementos *estranhos* ao endogrupo causou algum constrangimento para alguns membros que não haviam ouvido a explicação do Presidente do CCIP acerca dos motivos da nossa presença. De notar que após a tomada de conhecimento, os mesmos indivíduos compreenderam o nosso posicionamento espacial na Mesquita, uma vez que a aplicação da técnica de observação direta se deu fora do local destinado às mulheres muçulmanas.

Denotou-se uma preocupação em reforçar a solidariedade e diálogo inter-religiosos com base nos valores do Alcorão durante o sermão que introduz a oração principal.

Os horários das orações são diferentes todos os dias e o que os define é a posição do sol durante cinco momentos do dia. O ensino da leitura da língua árabe destina-se às crianças da comunidade muçulmana (dos 3 aos 16 anos, aparentemente) e tem em vista, fundamentalmente, a capacitação da leitura do Alcorão. Uma das principais dificuldades observadas no decorrer destas aulas foi o facto de serem bastantes alunos para apenas um professor o que leva à inquietação dos mesmos que têm de aguardar pela sua vez para demonstrarem individualmente o seu conhecimento ao professor. Relativamente à entrevista, Abdul Rehman Mangá, o Presidente da CCIP, que desde cedo mostrou um enorme entusiasmo pelo nosso interesse em estudar a comunidade e a religião islâmica, aceitou desde logo a realização da mesma. Esta entrevista subdividiu-se em três pontos: (1) CCIP, (2) Islão e (3) Posicionamentos nos planos religioso e político-social. Os resultados da análise da entrevista foram incorporados ao longo do trabalho através de vários excertos que resultam da transcrição da mesma a título exemplificativo de algumas questões ou como explicação ou exposição de aspetos e ideias.

Desta incursão pelo Islão algumas ideias preconcebidas foram desmistificadas, no sentido do rompimento com o senso comum. Consideramos que os objetivos que nos propusemos cumprir foram alcançados e tomamos consciência, por exemplo, que o preceito corânico é abstémio no que concerne ao facto das mulheres terem de usar o lenço na cabeça pois apenas é prescrito que é um ato mais conveniente e que permitem a distinção das muçulmanas em relação a outras mulheres para que as primeiras não sejam molestadas. Os extremismos que daqui decorrem são o resultado de costumes não religiosos (Smith, 2005). Percebemos assim, que as convergências cultura-religião e política-religião são realidades no contexto muçulmano o que se reflete em graves consequências na atualidade. Tendo em conta que no Islão consideram que o ser humano tem um espírito *fraco*, os humanos recorrem às orações para serem ajudados pelo Deus único sendo que a oração representa para o Islão a forma de expressão mais significativa da vida religiosa e é de cariz obrigatório para os crentes (Khân, 2011). Daqui depreendemos uma grande devoção a Deus e uma constante presença física e espiritual na Mesquita. São também uma religião liberta de bens materiais como é exemplo a conceção que possuem em relação à cadeira que simboliza autoridade, daí os muçulmanos se sentarem no chão (Cook, 2000).

Em suma, e concretizando com o caso específico do CCIP, este tenta informar os indivíduos acerca da sua religião, como nos refere o entrevistado. Porém, não se pratica uma obrigatoriedade no que diz respeito à conversão das pessoas, pois segundo versículos do Alcorão, não há uma oposição da religião tendo em conta que Deus não concebeu toda a Humanidade como sendo da religião islâmica e isso é um teste àquilo que lhes foi concebido (Smith, 2005). De realçar, em termos da análise

sociológica do Islão, que a aplicação de um dos ideais-tipo de Weber ao Islão é redutor, uma vez que nenhum deles se aplica na perfeição a esta religião. No que concerne à secularização, por sua vez, podemos aferir que o Islão, tal como outras religiões, tem sofrido algumas alterações. No entanto, tal como o Islão inculca os seus valores em determinadas culturas, o contrário também acontece. O entrevistado, Abdul Rehman Mangá, refere precisamente esse aspeto, o que nos leva a dizer que não devemos considerar que haja uma secularização interna nesta religião, dada a fraca evidência disso.

Referências

- Chauvin, Gérard (2002). O Islão desviado. In *Islão*. Lisboa: Hugin. ISBN 972-8534-098-6.
- Cipriani, Roberto (2007). *Manual de Sociologia da religião*. São Paulo: PAULUS. ISBN 978-85-349-2653-9.
- Cook, Michael (2000) – O Alcorão no mundo muçulmano tradicional. In *O Alcorão*. Lisboa: Temas e Debates. ISBN 972-759-323-2.
- Durkheim, Émile (1996). *As formas elementares da vida religiosa. O sistema totêmico na Austrália*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes. ISBN 85-336-0515-3.
- Guerreiro, Catarina (2014). Islão atrai portugueses. *Sol*. Lisboa. Edição nº426 (31 de out. 2014), p.19.
- Khân, Gabriele Mandel (2011). *Islão II*. [s.l.]: MEDIApromo. ISBN 978-989-8479-05-1.
- Machado, Solange do Carmo Dias (2012). *À descoberta da Comunidade Muçulmana do Porto: Relatório de estágio realizado no SOS Racismo*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Relatório de Estágio do 2º Ciclo de Estudos em História, Relações Internacionais e Cooperação.
- Oliveira, Adriana José Veloso de (2006). A Comunidade Muçulmana Portuguesa. In *Notícias sobre muçulmanos lidas por muçulmanos*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado em Cultura e Comunicação.
- Oliveira, Adriana José Veloso de (2006). Os Muçulmanos no Porto e no Centro Cultural Islâmico. In *Notícias sobre muçulmanos lidas por muçulmanos*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado em Cultura e Comunicação.
- Pace, Enzo (2005). A tipologia organizacional no Islã. In *Sociologia do Islã: Fenômenos religiosos e lógicas sociais*. Petrópolis: Vozes. ISBN 85-326-3183-5.
- Rodinson, Maxime (1996). *O islão político e crença*. Lisboa: Instituto Piaget. ISBN 972-8329-87-3.
- Rodrigues, Donizete (2007). *Sociologia da Religião: uma introdução*. Porto: Edições Afrontamento. ISBN 978-972-36-0910-3.

Smith, Huston (2005). Islamismo. In *A essência das religiões: a sabedoria das grandes tradições religiosas*. Volume IV. Alfragide: Lua de papel.

Tincq, Henri; coord (2010). As religiões monoteístas: O Islão. In *As grandes religiões do mundo: cronologia, historia e doutrinas*. Lisboa: Edições Texto & Grafia. ISBN 978-989-8285-17-1.

IS Working Papers

3.^a Série/3rd Series

Editora/Editor: Paula Guerra

Comissão Científica/ Scientific Committee: João Queirós, Maria Manuela Mendes, Sofia Cruz

Uma publicação seriada *online* do

Instituto de Sociologia da Universidade do Porto

Unidade de I&D 727 da Fundação para a Ciência e a Tecnologia

IS Working Papers are an online sequential publication of the

Institute of Sociology of the University of Porto

R&D Unit 727 of the Foundation for Science and Technology

Disponível em/Available on: http://isociologia.pt/publicacoes_workingpapers.aspx

ISSN: 1647-9424

IS Working Paper N.º 61

Título/Title

“À descoberta do Islão no Porto: religião, política, cultura e sociedade”

Autoras/Authors

Marta Rodrigues

Alexandra Carvalho

As autoras, titulares dos direitos desta obra, publicam-a nos termos da licença Creative Commons

“Atribuição – Uso Não Comercial – Partilha” nos Mesmos Termos 2.5 Portugal

(cf. <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/pt/>).